

A liberdade digital

Liberdade é um conceito extremamente abstrato, debate-se na sociedade há séculos o que é, quais os limites e se existe algo como uma liberdade universal que é aplicável a tudo e a todos, existe na filosofia algumas definições que podemos destacar como para Hegel.

A liberdade tem em si uma dupla determinação. Uma concerne ao conteúdo da liberdade, à sua objetividade, à própria coisa. A outra concerne à forma da liberdade, em que o sujeito se sabe ativo, porque a exigência da liberdade é que o sujeito se sinta nela satisfeito e assim assuma a própria tarefa, sendo seu interesse que a coisa se realize. - Hegel

Ou seja, para Hegel, a liberdade é algo mais do que a mera ausência de coação e opressão. Ela é um processo que envolve a emancipação do indivíduo em relação aos vínculos e limitações que o impedem de se realizar plenamente como ser livre. Esses vínculos e limitações incluem tanto as formas de opressão política e social quanto às limitações impostas pela própria natureza e pelas necessidades materiais da vida.

Já para Marx liberdade está relacionada a uma sociedade ou coletividade superior cujo princípio fundamental seja o pleno e livre desenvolvimento de cada indivíduo.

É somente na comunidade [com outros que cada] indivíduo tem os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; somente na comunidade, portanto, a liberdade pessoal torna-se possível. - Karl Marx

Na busca do melhor entendimento do que é liberdade digital, primeiro devemos olhar para a materialidade, devemos entender a internet e a produtividade digital.

A internet e digitalidade

Vivemos em uma internet oligopolizada, onde um pequeno número de corporações dominam a maior parte dos espaços digitais, tais corporações são chamadas de Big Techs. As Big Techs apresentam seus produtos e soluções não como o que são, produtos e serviços, mas sim como um requisito ou único meio para o usufruto da internet e do trabalho digital. Desta forma a opção por tais soluções deixa de ser uma escolha, mas uma necessidade pela condição material dos usuários.

Não simplesmente pesquisamos algo na internet, damos “um Google” e para a grande maioria de usuários que nunca tentaram suas alternativas, é o Google o único meio possível de se pesquisar na internet, sendo assim o Google não é um serviço de busca ou um mero buscador, mas é um requisito para estar na digitalidade.

Afinal, pensando em Hegel, um usuário cooptado a optar por uma solução dominante frente a sua participação na digitalidade, é livre? Sua adesão foi de fato voluntária? Nota-se que não, visto que existem limitações materiais onde o usuário não encontra outras soluções para o usufruto na digitalidade.

Por sua vez, as alternativas às soluções dominantes não se tornam viáveis para a maior parte das pessoas, pois não possuem o montante de dados (no âmbito social) ou acesso de mercado (no âmbito produtivo) que as soluções dominantes possuem.

Desta forma, torna-se inviável optar por uma alternativa aos aplicativos dominantes de mensagem, por exemplo, pois lá não estão os usuários que desejamos encontrar e conversar. Da mesma forma, torna-se inviável optar por um software produtivo com baixo acesso de mercado, pois, para desempenhar a função produtiva o software dominante é requisito para o trabalho e não uma opção posta à mesa.

A inviabilidade das alternativas às soluções dominantes minam a autonomia dos usuários no mundo digital, tornando-os ainda mais dependentes das soluções dominantes, ao ponto de ser quase impossível imaginar uma internet sem as mesmas.

A internet das grandes corporações

As Big Techs são tão poderosas em seu próprio domínio que são, de fato, como um estado soberano. Elas podem derrubar os modelos de negócios das empresas que dependem delas ou mudar completamente a maneira como seus usuários se relacionam uns com os outros - sem que eles percebam o que aconteceu. - vox.com

A falta de transparência e violação de dados pessoais tornaram-se marcas intrínsecas da internet, afinal as grandes corporações possuem o poder de manipular os processos sociais, impor narrativas, manipular sentimentos, emoções e processos democráticos.

Um destes mitos sociais fundadores é o “mundo virtual” enquanto uma realidade paralela [...], baseada na ilusão de uma rede definida por sua horizontalidade onde todos os indivíduos são iguais, uma vez que são todos dotados das mesmas ferramentas. Todos possuem voz e podem participar e influenciar a vida coletiva. Neste mundo virtual, as redes e tecnologias são neutras e buscam apenas “criar soluções e conectar pessoas”. Porém, por trás dessa aparente horizontalidade, há o trabalho de *spin doctors*, especialistas em projetar determinadas políticas na opinião pública, e, cada vez mais, cientistas/analistas de dados.

Com tal política sobre os dados dos usuários, surgem, de forma natural, os escândalos de 2016 envolvendo a Cambridge Analytica, que ao se aproveitar de serviços de algumas das grandes corporações digitais, manipulou a opinião dos usuários e consequentemente seu voto, a fim de favorecer o candidato apoiado pela empresa. Graças ao mapeamento de personalidade que as grandes corporações possuem, foi possível para a Cambridge Analytica mapear, em larga escala, os sentimentos mais diversos dos usuários e assim, apresentar materiais assertivos para a mudança de voto.

O mapeamento de personalidade desempenha um papel crucial no poder político das grandes corporações, permitindo-lhes manter sua posição e dominação no ciberespaço. Essa prática se torna ainda mais significativa à medida que avanços tecnológicos cercam os usuários com um conjunto de soluções oferecidas pelas Big Techs. À medida que a

tecnologia avança, as grandes corporações se adaptam rapidamente a essas inovações, visando aumentar a dependência dos usuários em relação às suas soluções.

Esse domínio tecnológico possibilita a coleta de dados e informações pessoais dos usuários, permitindo uma análise detalhada de suas preferências, comportamentos e interesses. Com base nesses perfis, as grandes corporações moldam estratégias políticas e de marketing, direcionando conteúdo personalizado e influenciando a tomada de decisões dos usuários.

As Big Techs, impulsionadas pelo monopólio de dados e pelo poder financeiro, têm a capacidade de criar soluções que cercam os usuários em seus próprios ecossistemas. Por meio de uma ampla gama de serviços e plataformas interconectadas, essas empresas constroem um ambiente no qual os usuários se tornam cada vez mais dependentes de suas ofertas. Ao oferecer uma variedade de produtos e serviços convenientes e altamente integrados, as Big Techs buscam estabelecer um domínio abrangente sobre a experiência digital dos usuários.

Esse cenário cria um ciclo vicioso em que os usuários se tornam cada vez mais dependentes das soluções das Big Techs, ao mesmo tempo em que essas corporações ampliam sua influência e controle sobre o ciberespaço. Essa combinação de poder político e tecnológico reforça a posição dominante das grandes corporações, estabelecendo uma dinâmica difícil de ser superada.

Surge uma necessidade urgente de repensar o ciberespaço, criando um ambiente que priorize os interesses dos usuários em vez dos interesses das grandes corporações. Estamos vivendo a ditadura das Big Techs, que, movidas pelo objetivo de obter lucro, negligenciam a saúde e a experiência dos usuários com suas dinâmicas que visam única e exclusivamente a manutenção e expansão da dominação na digitalidade.

A Internet para as pessoas

É possível construir um ciberespaço diferente do dominado pelas grandes corporações, desta forma, propomos uma internet onde todos possuam a real autonomia para escolher a solução que desejam utilizar, sem colocar em xeque a experiência de uso. Isso só é possível, pois haverá recursos semelhantes em diversas plataformas que visam aos interesses de seus usuários. Defendemos também, um mundo digital com real acessibilidade para todos, onde não será necessário recorrer a pirataria para acessar os melhores serviços e onde para socializar no meio digital não será necessário vender dados para as grandes corporações que visam apenas aos próprios interesses.

Só é possível construir esta internet se o monopólio sob os dados, hoje pertencente às grandes corporações, for quebrado e disponibilizado para diversos projetos, desta forma, as grandes corporações perdem sua principal ferramenta de poder e possibilita uma nova internet existir.

Nesta internet sem o monopólio dos dados, será possível não somente para as grandes corporações criar uma nova solução para as pessoas, pois será também possível para grupos de usuários criarem para outros. Essa abordagem coloca o poder de decisão nas mãos dos indivíduos, permitindo-lhes personalizar sua experiência digital de acordo com suas preferências e valores.

Podemos observar essa dinâmica no contexto das distribuições Linux, onde os usuários têm a verdadeira liberdade de escolher a distribuição que melhor se adapta às suas necessidades e preferências, sem que sua experiência de uso seja drasticamente afetada. Isso é possível devido à existência de uma única base subjacente que permite a criação de inúmeras distribuições diferentes. Essa dinâmica é algo que o Fluxiv busca para a internet, onde o objetivo principal é atender aos interesses e necessidades dos usuários, oferecendo uma diversidade de soluções e possibilitando que cada pessoa encontre um ambiente digital que esteja alinhado com suas preferências e valores.

A verdadeira liberdade digital implica no empoderamento do indivíduo para se expressar e se desenvolver plenamente na sociedade digital. Nessa perspectiva, as pessoas são livres para escolher com base em suas próprias preferências e interesses. Quando não há um monopólio dos dados, os usuários deixam de depender exclusivamente de soluções impostas, pois sempre existe a possibilidade de encontrar alternativas que se alinhem melhor com sua identidade e valores, trata-se então de ter a capacidade de participar ativamente na construção e no controle do próprio ambiente digital. A liberdade digital se manifesta quando os usuários são protagonistas, colaboradores e beneficiários de um ecossistema digital que valoriza a diversidade, a inclusão e a participação coletiva. Nesse cenário, a real liberdade digital emerge quando a tecnologia é usada como ferramenta de empoderamento e emancipação, permitindo que cada pessoa contribua com suas habilidades, perspectivas e ideias.

Portanto, promover a real liberdade digital significa criar um ambiente em que os usuários tenham a autonomia para escolher e moldar sua experiência digital, sem serem limitados ou manipulados por interesses monopolistas. É uma busca pela diversidade, pela pluralidade de soluções e pela garantia de que cada indivíduo encontre as ferramentas e os espaços que lhes permitam melhor expressar-se na digitalidade e se desenvolver em sociedade com os demais usuários da internet livre.